

Assumir responsabilidades

Por António Souto

Trabalhadores do Complexo Agro-Industrial do Limpopo, particularmente ao nível da direcção, têm estado a estudar o documento final da reunião de balanço às suas actividades realizadas em fins do mês passado no Chókwe. «Pela primeira vez tivemos oportunidade de reflectir seriamente sobre os nossos problemas. Até este encontro vivemos demasiado sós com as nossas limitações» — disse-nos o director do CAIL, adiantando que os artigos publicados pelo nosso jornal sobre aquele encontro estão também incluídos nos materiais de estudo.

A partir de há cerca de três meses o CAIL, bem como outros grandes empreendimentos da Região do Limpopo e Incomati passaram a ser tutelados pela SERLI. Até então, no caso específico do CAIL, essa tutela era feita pela Unidade de Direcção Agrícola (UDA). Antes disso, houve, entre outras, a Direcção Nacional de Organização da Produção Colectiva (DINOPROC).

Ao longo da sua existência, segundo pudemos apurar, a responsabilidade sobre o CAIL passou por distintos e vários organismos estatais. Nunca, porém, se realizou um debate que permitisse definir com rigor a responsabilidade e papel deste grande empreendimento no processo da socialização do campo e, em correspondência a isto, apoiar a solução dos seus problemas.

O seu crescimento tornou-o um gigante onde só em maquinaria se concentra um investimento de mais de um milhão de contos. Como salientámos em artigos anteriores esse crescimento foi de tal modo desproporcionado que não é possível, nas actuais condi-

ções de organização do CAIL, fazer-se um mínimo de gestão e planificação científica.

Numa perspectiva de planificação, das questões mais sérias e limitantes da produtividade do CAIL até ao momento tem sido a da força de trabalho sazonal. A excepção do esforço de mobilização política nos momentos de maior necessidade de mão-de-obra tal problema não mereceu nunca um estudo sério. O director do CAIL confidenciou-nos que a ligeira abordagem feita ao problema nesta última reunião tinha de certo modo um carácter de novidade.

Ao nível de estruturas centrais do aparelho de Estado o problema da força de trabalho sazonal e a necessidade de estabilizar a mão-de-obra é, porém, um problema já suficientemente aprofundado, em particular nos últimos três anos. Diversas instituições científicas com destaque para o Centro de Estudos Africanos realizaram vários trabalhos de investigação neste domínio que apontam as causas e propostas que têm sido consideradas bastante válidas para solucionar problemas desta índole.

No CAIL a forma de encarar o problema tem, contudo, um carácter de novidade, apesar de ser antigo.

O CAIL tem, por isso, crescido sem perspectiva. É como se fosse um coxo de nascença. A medida que cresceu, mais o desequilíbrio entre os seus membros se evidenciou a ponto de já não poder andar, a ponto de hoje, com as características organizativas que apresenta não poder ser gerido.

Ao realizar-se cinco anos depois da sua formação o primeiro debate em que questões de fundo deste grande empreendimento mereceram um debate onde se discutiram

os fundamentos da razão de ser e o papel do CAIL na zona, os trabalhadores sentiram agora uma atenção compatível com as responsabilidades que têm.

Os trabalhadores deste complexo, segundo a expressão de um dos seus responsáveis sentem o balanço agora feito como um ponto de viragem.

Ao mostrar as potencialidades que na perspectiva da SERLI existem naquele grande empreendimento, o Secretário de Estado para a Região do Limpopo e Incomati, Rui Gonzalez disse que «o CAIL é um estandarte da socialização no campo». Acrescentou que «esta foi a primeira reunião das várias de trabalho colectivo que têm de ser realizadas» para que esse estandarte esteja seguro.

Por sua vez, no final do encontro, o Secretário do Comité Central para a Política Económica do Partido FRELIMO, Marcelino dos Santos, após definir o resultado das duas últimas campanhas como um desastre, acrescentou: «Devemos ver que os nossos companheiros do CAIL trabalharam muito. Isto leva-nos a sentir ainda mais o peso deste fracasso».

Fica assim claro que, independentemente dos erros cometidos no CAIL circunscritos aos limites da responsabilidade da sua direcção, as lições a tirar deste fracasso evidenciam que, no domínio da responsabilização individual, há aspectos que ultrapassam aqueles limites, os quais não são apenas de hoje. O CAIL existe há cinco anos...

A responsabilização individual é necessária. Contudo, é-o não só, ou não tanto para punir como para formar, para aprender.

O CAIL é neste momento o projecto com

maior impacto no grande processo de socialização de campo. Processo esse que, neste momento, na perspectiva do Plano Prospectivo Indicativo, assume um papel central.

Tal como no CAIL não há estrutura que se possa sentir desresponsabilizada do que aí se passou — incluindo nós próprios, como Informação, que não soubemos nunca até aqui informar minimamente sobre os problemas reais ali existentes — também agora, na perspectiva da socialização do campo as responsabilidades terão de ser assumidas de modo individual, mas por todos. Criar «bodes exaltatórios» a nada conduz.

Apenas no Limpopo e Incomati, como foi dito naquele encontro, outros grandes empreendimentos como o CAIL serão erguidos ao longo desta década. Por todo o país o seu número será ainda maior. Tanto as estruturas mais directamente envolvidas ao longo destes anos no processo do CAIL como todas as outras têm de tirar ensinamentos dos erros aqui cometidos, assumindo as suas responsabilidades.

«Esta experiência do CAIL deve ser um ensinamento para todos nós do Rovuma ao Maputo... Já que sentimos este peso do fracasso, já que fomos capazes de revolver todo este fracasso é necessário que esta experiência, mesmo se dura, seja levada e transmitida a todos os moçambicanos. Será uma maneira de nós podermos ter, pelo menos, o reconforto de dizer: tivemos grandes dificuldades, as marcas foram duras mas, pelo menos, temos consciência do esforço para nos levantarmos. Este esforço vai servir a outros no nosso País» — disse Marcelino dos Santos a terminar o encontro.